

MARCELO RUBENS PAIVA



DOMINGO, NO CADERNO 2-CULTURA: VERISSIMO, JOÃO UBALDO RIBEIRO E DANIEL PIZA



segunda-feira
MATTHEW
SHIRTS



terça-feira
ARNALDO
JABOR



quarta-feira
ROBERTO
DAMATTA



quinta-feira
LUIS
FERNANDO
VERISSIMO



sexta-feira
IGNÁCIO DE
LOYOLA
BRANDÃO



sábado
MARCELO
RUBENS
PAIVA

Começo, meio e fim

Há uns tempos, criticavam uma obra de arte que tivesse começo, meio e fim, "detalhes" que indicavam acomodação e incapacidade de inovação. Podia até ter começo, mas meio e fim, era o fim! A regra: não facilitar para o público. Se quisessem algo mastigado, nem azedo nem amargo, que comessem pizza em frente à TV, gênero inferior e vendido por natureza, dizia-se. O lance era complicar, para indicar o ilogismo da vida e da morte, o lance era confundir, para baixarmos a guarda da audiência, penetrar com um jab nos lapsos, conquistá-la por desvios ao dissecar o núcleo dos mitos e arquétipos; imagens do inconsciente coletivo. Um escritor tinha de fazer o curso de mitologia do Juanito Brandão e ter em mãos o dicionário de símbolos de Juan-Eduardo Cirlot. A arte buscava os personagens de sua origem, mas se afastava de seu formato e se inspirava no caos. O teatro virou artes plásticas. A dança virou teatro. A poesia virou slogan. A língua foi embaralhada. Quando bem-feito, tudo era lindo, como um trecho de Stravinski, Guimarães Rosa, Artaud. Mas, quando malfeito...

Ir ao teatro? O maior símbolo da decadência podia ser comprado pelo correio, a camiseta do gru-

po Casseta & Planeta, zoados: "Vá ao teatro, mas não me convide." A essência dos grandes gêneros, contar uma história e falar de personagens, perdeu-se na analogia das imagens, que não tem começo, meio e fim. Anunciou-se nos quatro cantos, o teatro está morto! Esteve.

Coincidência ou não, as regiões que cercavam teatros tradicionais também se degeneraram. Algumas viraram cracolândia. Uma das saídas, construíram teatros em templos bem-sucedidos de uma outra atividade, o laser, as compras: o shopping! No Rio, funcionou. Em São Paulo, o Serviço Social do Comércio e o da Indústria intervieram. O Sesi tomou a Paulista, o Sesc plantou sua semente no Anchieta (Centro de Pesquisa Teatral), nas unidades Pompéia, Ipiranga, Vila Mariana, Belenzinho e, agora, Pinheiros. O teatro vive uma renascença, nunca esteve tão em foco, nunca esteve tão bom.

O diretor ícone dessa metamorfose é Gerald Thomas. Foi uma das vítimas ou agentes da morte do público. Suas primeiras peças, *Eletra Com Creta*, *Carmem com Filtro*, fizeram uma revolução no teatro brasileiro, para o bem e para o mal. Era o teatro de encena-



ador. Ou do encenador de si mesmo. Espere. Todo artista é, no fundo, encenador de si mesmo. Era o teatro cuja mão do diretor batia mais forte do que a de atores e, sobretudo, autores. Apoiado em Beckett, era um teatro que desconstruía uma acorrentada dramaturgia aristotélica. Paradoxo. Em Be-

ckett, a dramaturgia é a força, e os diálogos, a sua razão.

Estranhou-se Gerald Thomas no começo. Alguns achavam armação de críticos novidadeiros, provincianismo de uma classe que se encolhe diante do que vem de fora. Não desisti de entendê-lo. Fui para trás da coxa, a um en-

saio, ver Gerald pilhando Bete Coelho crua. Ela entrava, e o técnico errava a luz. Ela tinha de voltar. Gerald mandava ela entrar de outra maneira. Ela entrava mandando. O técnico errava de novo. "Volta! De novo!" Ela entrava com os braços pra cima. O cara errava. De novo. Não nos interessava mais a luz. Olhávamos em silêncio e emocionados as entradas de Bete. E, a cada uma, uma adrenalina, uma revelação. Poderíamos ali fazer uma peça: *O Entrar de Bete*. Teatro é livre, por que cercá-lo? O público não gosta daquilo? Que pena.

Em *Graal*, ele conseguiu fazer de um balé uma comédia, algo nunca visto. Em *Ventriloquist*, de 2000, peça marco em sua carreira no Brasil, suas auto-referências são mais evidentes, o humor, idem. Há até um ator nu no palco representando-o. Gerald passa a abordar a obsessão pela exposição e visibilidade do mundo Caras, o ridículo que há em nós mesmos na TV (*Esperando Beckett*), na moda (*Nietzsche Versus Wagner*) e, agora, no teatro, na fama, no vazio, no circo de nossas vaidades e intimidades, *Um Circo de Rins e Fígados*, que estreou sábado passado.

Gerald vive seu melhor momento. Por quê? Redescobriu a dramaturgia, tem humor, não leva a vanguarda a sério, o que dá tranqüilidade para escrever. E, olha: sua peça tem começo, meio, fim e, surpresa, um eixo. Diante do abismo, a única maneira de andar pra frente é se virando.

A peça fala, entre outras coisas, da militância que virou terrorismo, da morte da ética e do público, satiriza nossas pretensões de grandes artistas, na voz do maior ator brasileiro, Marco Nanini, uau!, que faz o ator Marco Nanini, flagrado num escândalo de necrofilia que não atrapalha a sua carreira (ao contrário). Nanini-personagem recebe pelo correio caixas e caixas com documentos secretos e órgãos humanos, enviadas pelo desconhecido João Paradeiro, de paradeiro desconhecido. Detetive Sylvia Colombo é responsável pelo caso. Um desabafo. Uma comédia instigante, mórbida. Um jogo. Denuncia-se. Venha, publicação. *Um Circo de Rins e Fígados*, no novo Sesc Pinheiros.

Curiosamente, enquanto o mote desse período era inovar o espaço cênico, tirar o teatro dos teatros, Gerald nunca fez uma peça fora deles, fortalecendo-os. Vida longa para ambos. ●